

Primeiro livro de índio será lançado na terça

BRASÍLIA — Pela primeira vez foi editado um livro didático totalmente escrito e ilustrado por índios, acompanhado de tradução para o português. Trata-se da obra "Toru Duu Ugu — Nosso Povo", criação coletiva das lideranças do grupo indígena ticuna, que será lançado terça-feira, às 10 da manhã, no auditório do Conselho Federal de Educação, em Brasília, pelos Ministros Aluísio Pimenta, da Cultura, Marco Maciel, da Educação, e Ronaldo Costa Couto, do Interior.

O livro foi produzido com financiamento do "Projeto Integração", implementado conjuntamente pelo MEC e Ministério do Interior, sob a coordenação da equipe de Antropologia do Museu Nacional, do Rio. Com 94 páginas, o livro já se encontra à disposição dos 18 mil índios da nação ticuna, distribuídos ao longo dos 400 quilômetros do Rio Solimões, no Amazonas, em 37 aldeias.

Os ticanos estabeleceram seus primeiros contatos com a população branca há cerca de 300 anos, mas preservando sua cultura e identidade. "Toru Duu Ugu — Nosso Povo" foi elaborado em 11 meses. Nove líderes ticanos estarão em Brasília para o lançamento e aproveitarão para reivindicar a delimitação e demarcação de oito áreas no Alto Solimões, que somam 1,2 milhão de hectares.



Apoena rodeado de crianças indígenas. Elas procuram entender como se vê as horas no relógio do sertanista

Apoena, o que enxerga longe: um pacificador age na Funai

BRASÍLIA — Nas últimas duas semanas, o sertanista Apoena Meirelles, que pelo gosto do Ministro do Interior teria sido o Presidente da Funai e não o Superintendente, cargo que ocupa desde meados de maio, desmobilizou dois focos de crises utilizando-se de uma tática comum em negociações, mas há algum tempo esquecida por dirigentes do órgão: apenas o diálogo.

Isto aconteceu com os índios xavantes da Reserva Sangradouro, em Mato Grosso, que tinham tomado como reféns os técnicos que iam fazer o estudo local de uma área reivindicada pela Nação indígena, mas foram impedidos por fazendeiros e pistoleiros que ocupavam as terras. Apoena — nome herdado dos próprios xavantes, que significa "o que enxerga longe" —, depois de obter garantia de que também não seria um refém, desceu na Reserva acompanhado de três índios de outras aldeias xavantes, o que desagradou o povo de Sangradouro. Lá empenhou sua palavra: a Polícia Federal daria cobertura aos trabalhadores do grupo técnico e, se isso não acontecesse, pediria demissão do cargo e se juntaria aos índios na luta pela retomada das terras. Os reféns foram libertados e, atualmente, estão encerrando o levantamento fundiário da área, com a proteção da Polícia Federal.

Durante 16 dias, índios de oito nações ocuparam a Delegacia Regional da Funai em Cuiabá para conseguir a nomeação de seu candidato a Delegado. Depois de malograrem as tentativas de negociação do sertanista Cláudio Romero e do índio Megaron, Diretor do Parque Indígena do Xingu, e do próprio Presidente da Funai, Gérson Alves, Apoena Meirelles foi para Cuiabá com a proposta de discussão de um terceiro nome, que substituiria o candidato dos índios e o candidato de Gérson Alves. Os índios lhe entregaram uma lista com quatro nomes alternativos e Apoena garantiu que um deles será escolhido pelo Presidente da Funai. Enquanto isso, um delegado interino dirige a Delegacia, já desocupada pelos índios.

Para obter a vitória nessas negociações, não foi preciso oferecer presentes nem dinheiro aos índios, prática bastante utilizada por dirigentes da Funai nos últimos tempos. Apoena Meirelles não barganha com os interesses dos índios, joga com franqueza e obtém credibilidade. Entre amigos e inimigos do sertanista, há uma opinião unânime: ele é honesto, incapaz de qualquer ato de corrupção e tem uma postura ética diante dos opositores.

Com um ano de idade, Apoena Meirelles já acompanhava o pai Francisco Meirelles — responsável pelo contato com os índios xavantes — nas frentes de atração. Nascido na aldeia xavante Pimentel Barbosa, ele foi praticamente criado pelos mateiros que acompanhavam seu pai, com quem aprendeu "tudo sobre índio". E aprendeu também que o grande mérito do sertanista não é o de fazer o contato com o índio mas o de conduzir a penetração na mata de forma que o índio não ataque e não haja debandada do grupo de apoio ao trabalho.



Apoena Meirelles com armas e adornos indígenas

Com 18 anos, Apoena estava pronto para enfrentar seu primeiro e maior medo. Sem a ajuda do pai, que estava com malária, ele conduziu a frente de atração dos índios cinta-largas em Rondônia. A partir daí, fez vários trabalhos. Foi diretor do Parque Indígena do Aripuanã, chefiou as frentes de atração dos índios kren-akarores, avá-canoeiros e waimiri-atroaris, foi diretor do Parque Indígena do Xingu e Delegado da Funai em Rondônia.

Nesta trajetória, fez muitos inimigos, embora acredite que o fato de nunca ter tido vinculações com grupos do indigenismo o credencia ao diálogo com todos eles. Em 1980, antropólogos e indigenistas foram demitidos da Funai porque reagiram à permanência de militares no órgão. Apoena Meirelles, também funcionário da Funai, prestou publicamente sua solidariedade ao então Presidente do órgão, Coronel Nobre da Veiga, e ganhou a inimizade de seus companheiros de trabalho.

Uma convicção: é preciso restaurar a credibilidade da Funai como órgão de assistência ao índio

Antes disso, em 1978, Apoena já iniciara reações contra ele, quando aceitou dirigir o Parque do Xingu em substituição ao antropólogo Olímpio Serra, demitido porque não permitira que ali se filmasse a novela "Aritana". A passagem de Apoena pelo Parque não foi tranquila: os índios o hostilizavam e ele andava sempre armado. Seis meses depois, pediu afastamento e nunca mais voltou ao Xingu, o que deverá fazer somente agora, na condição de Superintendente da Funai.

O sertanista tem outra mancha negra em sua carreira: a atração dos índios avá-canoeiros, tida como "pacificação relâmpago". Em apenas um mês, ele fez o contato com o pequeno grupo, utilizando-se de uma tática condenável por antropólogos e indigenistas — a aproximação pelo medo. Depois que os índios reagiram com flechas ao grupo, Apoena Meirelles não teve dúvidas e mandou soltar foguetes na aldeia. Os índios se entregaram.

A trajetória de Apoena Meirelles mostra que a sua passagem pela Funai, agora, não será pacífica. Sua história é tão controversa quanto a própria história da Funai, constantemente exposta a ataques e críticas. Tido como um dos últimos representantes do sertanista tradicional — ao lado dos irmãos Villas Boas (já aposentados) e de Sidney Possuelo (coordenador das frentes de atração na Funai) —, Apoena definiu sua política indígena: a assistência paternalista. Esta é a acusação que lhe fazem os antropólogos, que buscam a autodeterminação do índio. Ele não contesta, mas ressalva que sua política não é clientelista. Foi no trabalho de atração que o sertanista se convenceu do acerto da política assistencialista, pois sempre se perguntava: para onde levaremos este índio? Para a estrada, que é "o grande tapiri", mas onde não deverá faltar a assistência à saúde e à educação. Apoena está também convencido de que, hoje, o índio está numa posição melhor que a da grande maioria de marginalizados da sociedade, pois, "bem ou mal, ele tem um órgão específico para atendê-lo e, sem a Funai, não existiria mais índio nenhum no País".

Ele tem larga experiência indigenista. Mas sempre atuando junto a índios primitivos, a Superintendência da Funai tem sido um aprendizado para Apoena. Neste cargo, ele está conhecendo o índio que questiona, conhece seus direitos e tem propostas de participação direta na sociedade.

E Apoena Meirelles acredita que é preciso restaurar a credibilidade da Funai enquanto órgão de assistência ao índio. Ele acha que todas as crises da Funai estão inseridas em sua estrutura funcional. "Nem se se resuscitasse Rondon e o nomeasse para a Presidência da Funai o órgão funcionaria", diz.

Foi por ter uma proposta de alteração dessa estrutura que Apoena Meirelles foi convidado pelo Ministro do Interior para ser Presidente da Funai (só não o foi porque os xavantes liderados pelo Deputado Mário Juruna não deixaram). Ele está empenhado em criar condições para que se execute a sua proposta de fortalecimento político e financeiro das delegacias. A Presidência da Funai passaria a ser um órgão normativo, e não executor, da política indígena, auxiliada por um Conselho Indigenista, cujos integrantes, inclusive índios, não teriam qualquer dependência financeira da Funai. E esse Conselho também seria o fiscal da execução da política pelas delegacias. Apenas a luta pela demarcação de terras continuaria centralizada em Brasília, pois nesta questão os delegados sofrem muitas pressões de políticos, grupos econômicos e até de Governadores.

Embora não concorde com esta proposta, o índio Marcos Terena, hoje assessor do Ministro da Cultura, acredita que o sertanista poderá ter sucesso na Funai desde que "tente aprender com o índio".

Com 36 anos de idade, Apoena Meirelles diz que a sua proposta é a última contribuição que dará à Funai. Ele acredita que, eliminando-se a centralização do poder em Brasília, "chegará o dia em que o índio não vai mais precisar de ninguém para administrar seus bens ou sua vida".